

A Produção de Batata Inglesa no Sul do País

ELOÍSA DE CARVALHO
Da Divisão de Geografia do C.N.G.

A colonização européia que se processou no sul do Brasil a partir do primeiro quartel do século dezanove contribuiu grandemente para a importância da área de distribuição da batata inglesa naquela região. Iniciadas as culturas com os primeiros colonos alemães, os municípios que atualmente produzem o tubérculo são aqueles em que se estabeleceram colonos eslavos, germânicos, italianos ou seus descendentes e que transportaram para o nosso país os hábitos originais de alimentação. Comparando-se os mapas das áreas de colonização dos estados meridionais e o de produção de batata inglesa, pode-se sentir a concordância existente entre as zonas de forte produção da mesma e as de colonização européia. Sendo a base da alimentação das populações alemãs e polonesas que tanto influíram na composição demográfica do sul brasileiro, é perfeitamente compreensível a coincidência.

Adaptando-se a vários climas, mas, produzindo melhor nos temperados úmidos, a batata inglesa encontrou condições favoráveis ao seu desenvolvimento no sul do país, de clima subtropical com chuvas distribuídas por todas as estações. Este não é, entretanto, seu clima de eleição: apesar de produzir relativamente bem, é muito comum entre nós a degenerescência de sementes de batata inglesa introduzidas em cultura após o segundo ou o terceiro ano de produção, em virtude de não ser o nosso clima o mais apropriado para o cultivo do tubérculo. Para combater esse inconveniente o Ministério da Agricultura importa anualmente sementes novas, especialmente holandesas, que, estudadas e aclimadas nas estações experimentais são distribuídas aos lavradores.

Quanto aos solos, os argilo-silicosos e os sílico-argilosos dão culturas de boa qualidade; no sul do Brasil a batata inglesa produz em solos diversos, derivados dos diferentes tipos de rocha que compõem o subsolo daquela região do país, tanto nas zonas de mata como nas de campo, em geral de baixa fertilidade.

O sistema de cultura utilizado na produção da batata inglesa é, de modo geral, o da "rotação de terras melhorada"¹ em que é, também, produzido o trigo entre nós. Derrubada a mata ou a capoeira, as terras são tratadas com o arado e, após o cultivo durante um certo número de anos, deixadas em repouso, recomeçando-se depois o ciclo. A "rotação de culturas", em que vários produtos de exigências diferentes, entre os quais a batata inglesa, são cultivados sucessivamente em terra arada e adubada, evidenciando associação da pecuária com a agricultura é, também, empregado, porém, em áreas muito restritas.

A batata inglesa procedente dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em 1948 — 324 000 toneladas — foi mais da metade da produzida em todo o país, cuja safra atingiu no mesmo ano 585 310 toneladas. A área cultivada com o tubérculo no Brasil foi de 128 068 hectares, tendo ocupado as culturas sulinas 71 411 hectares. Cumpre salientar neste setor a importância da produção riograndense, que corresponde a quase dois terços da dos nossos estados meridionais: 202 347 toneladas, cultivadas em 47 817 hectares.²

A rede ferroviária e rodoviária de que dispõe o Brasil sul, permitindo o acesso a centros consumidores importantes facilita o comércio da batata inglesa entre os estados daquela região do país, bem como sua exportação para Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Distrito Federal, que se abastecem principalmente no mercado paranaense.

PARANÁ

Dos oitenta municípios paranaenses, sessenta cultivaram batata inglesa em 1948. Os maiores produtores foram Araucária — 220 000 sacas de 60 kg, Irati — 194 416 sacas de 60 kg e Rio Azul — 143 000 sacas de 60 kg, tendo sido a mais fraca produção apresentada a de Ribeirão do Pinhal (100 sacas de 60 kg), localizado no norte paranaense.

¹ Essa terminologia foi introduzida nos estudos de Geografia Agrária Brasileira pelo Prof. LEO WAIBEL, que a enunciou em seu trabalho "Princípios da colonização européia no sul do Brasil".

² Fonte: — Produção Agrícola — 1948. Serviço de Estatística da Produção. Ministério da Agricultura. Serviço Gráfico do IBGE. Rio de Janeiro, 1950.

Muito embora a produção seja bem desigualmente distribuída no estado, há três zonas no mapa anexo que nos chamam a atenção: a de Araucária, a de Irati — Rio Azul e a de Quatiguá-Joaquim Távora.

A primeira, que se desenvolve em tórno de Araucária, engloba os municípios de Piraquara, Curitiba, Campo Largo, Araucária e parte oriental do de Lapa, diminuindo sua importância ao norte, no de Colombo e ao sul, no de São José dos Pinhais. Esta zona é marcada a oeste pelo limite do arqueano, que sustenta vegetação de mata e campo e início do planalto sedimentar, de vegetação de campos. Numerosas colônias de ucranianos, poloneses e italianos, fundadas na segunda metade do século dezenove e início do atual em volta de Curitiba, atingindo os municípios citados explicam o interesse pela cultura da batata inglesa, tão importante na alimentação daqueles povos.

Em tórno de Curitiba a rotação de terras é feita num período de três a cinco anos. Derrubada a capoeira inicia-se o plantio do milho intercalado com o feijão, sendo as terras destinadas à batata inglesa aradas e adubadas, utilizando-se tanto o adubo animal como o químico; geralmente planta-se o tubérculo duas vezes no mesmo local. Na zona de Araucária e em Serrinha, leste do município de Lapa, faz-se rotação de culturas no tópo das colinas e de terras na encosta; a batata inglesa, o trigo, o centeio, o feijão e o milho são cultivados, entrando a batata, o milho e o centeio na mesma rotação.

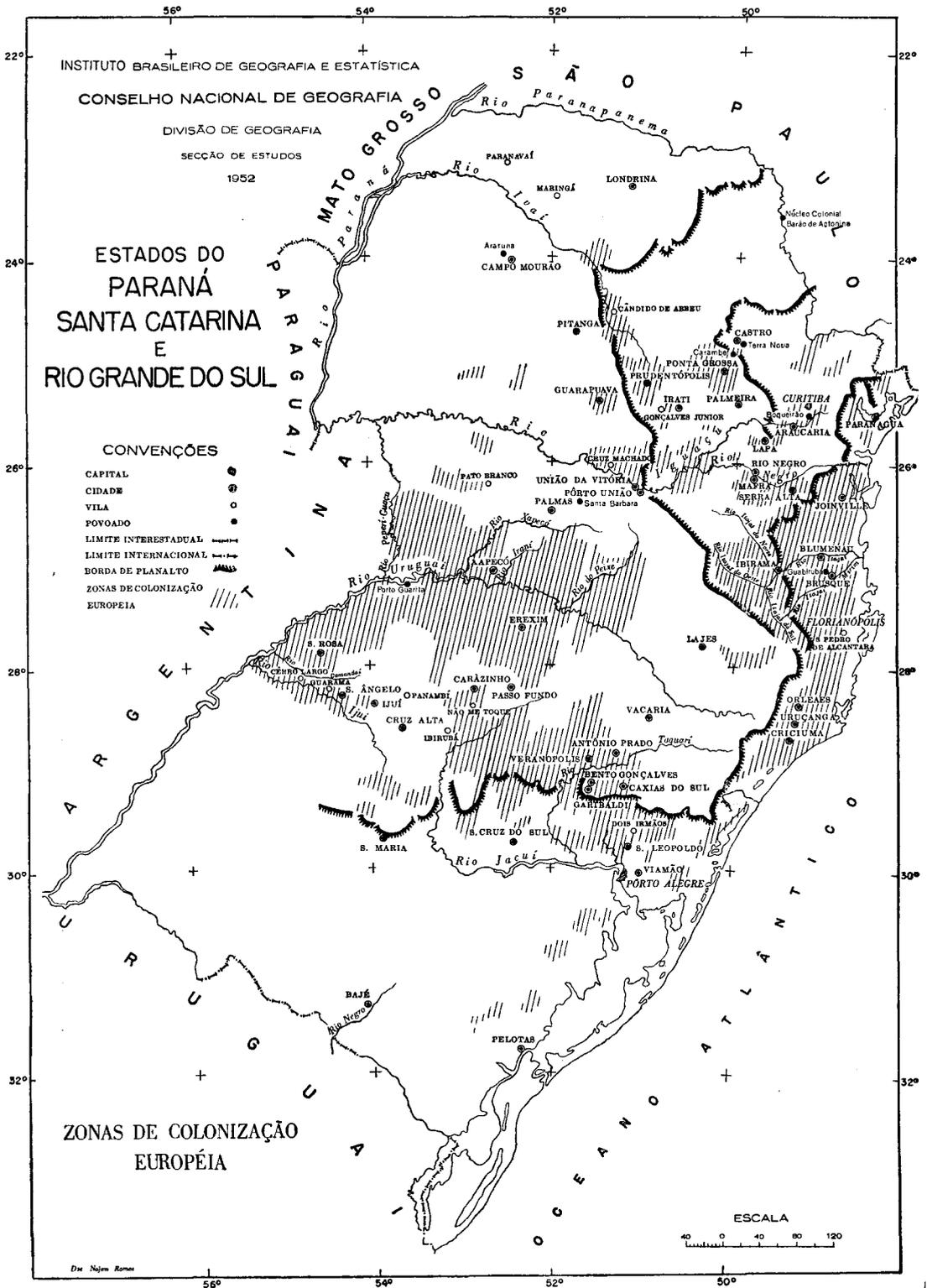
As colônias de Marienthal e Johansdorf, no centro do município de Lapa não possuem importantes culturas de batata inglesa, vendendo-se porém a produção local na sede do município. O sistema de cultura utilizado é o da rotação de terras na mata; a plantação é feita três a quatro vezes, permanecendo a capoeira de quatro a seis anos.

Nesta zona, em que a batata inglesa é o produto mais importante, Araucária é o seu centro de distribuição. Possuindo instalações para depósitos, recebe a produção dos diferentes municípios enviando-a para o Rio de Janeiro e São Paulo, beneficiando-se da proximidade da estrada de ferro. A importância desta zona decresce para o sul, para o município de Rio Negro; apesar de ser aí a batata inglesa cultivada racionalmente — usa-se adubo e descanso antes de nova utilização da terra — já tem menor relevo a produção, dedicando-se o município a outras atividades, especialmente extração de madeiras e erva-mate.

No domínio do arenito devoniano, de vegetação de campos, a produção de batata inglesa não é importante, mas, chamam a atenção as culturas do município de Castro, na colônia holandesa de Carambéi, exemplo de colonização em área de campo. Nesta colônia, solos derivados do arenito Furnas, beneficiados com adubo animal são aproveitados por culturas feitas em rotação, na qual entram a batata inglesa, o centeio ou o trigo. A batata inglesa apresenta aí alto rendimento: vinte para um; ela é não só consumida na colônia, como, também, exportada. Em Terra Nova, uma colônia alemã, poloneses holandeses e seus descendentes fazem rotação de terras na mata e de culturas no campo, onde se cultivam cereais ou batata inglesa alternando com plantas forrageiras; o adubo animal é usado, incluindo-se também a farinha de ossos no tratamento das terras.

A sudoeste do segundo planalto o mapa registra uma zona de forte produção nos municípios de Irati, Rebouças, Rio Azul e Mallet, diminuindo para o norte — nos de Prudentópolis, Imbituva, Ipiranga e Tibaji, em zona de vegetação de matas e expressiva população rural. O interesse local pela cultura da batata inglesa, na zona o produto comercial, é explicado pela presença da estrada de ferro, que possibilita a sua venda para São Paulo e Rio de Janeiro. Em Irati a rotação de terras é a curto prazo, utilizando-se o arado e o adubo animal nas áreas cultivadas com batata inglesa. O rendimento do tubérculo é alto — um para dez — plantando-se-o junto ao milho no verão; as terras, ocupadas pelo trigo e centeio no inverno, ficam em descanso de um a dois anos, recomeçando-se, então, o ciclo. Em Mallet a área produtora é a da colônia Vera Guarani, povoada por poloneses, ucranianos e alemães; a batata inglesa, aí de rendimento baixo — um para cinco — é cultivada junto ao centeio, permanecendo a capoeira por três ou quatro anos.

Nos outros municípios o produto reflete a importância de Irati, centro de relevância no que concerne à produção e comércio da batata inglesa. Em Ipiranga as culturas se beneficiam dos solos provenientes da decomposição de diques de diabásio, enquanto em Imbituva, colonizado desde o século passado por ucranianos e alemães do Volga, ocupam a mata, alternando com o trigo e o centeio. Em Tibaji, no limite dos Campos Gerais, é nos ca-



pões que se fazem as culturas; em Urtigueira, onde há pequenas lavouras de centeio, batata inglesa, mandioca e arroz, é comum a rotação centeio-batata durante oito, dez ou quinze anos, sem adubo.

Entre as duas importantes áreas de produção que acabamos de assinalar, a de Araucária e a de Irati, há produção expressiva no município de Palmeira, principalmente em Papagaios Novos, no limite dos Campos Gerais. A batata inglesa é aí plantada nas melhores terras de mata, as chamadas terras "fortes", que os colonos alugam a preço elevado. As fracas são utilizadas pelo milho e feijão sendo no inverno plantadas com trigo e centeio. Emprega-se o arado e o descanso das terras entre duas colheitas.

A ocidente, já no domínio do terceiro planalto, refletindo a influência étnica européia, as culturas da batata aproveitam as manchas de capões dos campos de Guarapuava.

No extremo norte do estado, no domínio da Companhia de Terras Norte do Paraná, as culturas de batata comprovam ainda a importância de elementos descendentes de europeus na produção local. Muito embora os espigões e as altas encostas sejam aproveitados principalmente pelas culturas de café, praticam-se outras subsidiariamente, entre as quais a da batata inglesa. Chama a atenção a produção do município de Mandaguari, o mais ocidental da região; zona recentemente desbravada, seu solo derivado do arenito Caiuá é aproveitado por culturas que a êle se adaptam, aparecendo aí a da batata inglesa.

Municípios lindeiros com São Paulo, no nordeste paranaense, de povoamento polonês e ucraniano, principalmente, apresentam alguns centros importantes de produção, destacando-se os de Joaquim Távora e Quatiguá, como se verifica no mapa junto. As culturas são feitas em rotação de terras primitiva ou melhorada sendo a batata inglesa cultivada durante dois anos e o milho, seis, deixando-se a capoeira por um ou dois. Queimam-na, então, utilizando-se a enxada no tratamento da terra. A leste de Joaquim Távora, nos limites com o município de Carlópolis, as ocorrências de terra roxa provenientes de diques de diabásio que cortam o arenito são aproveitadas pela batatinha, milho e arroz em rotação de terras melhorada. Cultiva-se a batatinha ou o milho durante dois ou três anos, permanecendo a capoeira por três ou quatro. Findo êsse tempo, queima-se e ara-se a terra, tendo-se iniciado recentemente o uso do adubo químico nas culturas de batata.

É interessante notar que, no estado do Paraná, de posição relevante no que concerne à produção e comércio da batata inglesa, o tubérculo é produzido racionalmente em certas áreas, utilizando-se, entretanto, em outras, o nefasto e perigoso sistema da queimada; enquanto em Irati e Carambeí as terras são adubadas antes de nova plantação, o que se reflete no alto rendimento do produto, outras zonas têm apenas a derrubada e a queimada como preparação à nova semeadura.

SANTA CATARINA

Em Santa Catarina a cultura da batata é praticada em quase todos os municípios, mesmo nos do litoral, mas, são os do planalto os de mais importante produção. Não se observam aqui grandes manchas de produção como as que aparecem no Paraná e Rio Grande do Sul, entretanto, sua forte disseminação no estado vem de encontro aos hábitos alimentares da população, em grande parte descendente de colonos europeus. Localizada nos vales ou a meia encosta, a população rural geralmente estabelecida em pequenas propriedades exploradas pelo colono e sua família, cultiva a batata inglesa segundo o já mencionado método da rotação de terras, tendo sido a produção estadual em 1948 de 29 810 toneladas.

No norte do estado os municípios produtores — Serra Alta, Pôrto União, Itaiópolis e Canelinhas — ocupam áreas de solos que vão desde os derivados do *trapp* até os provindos da decomposição do arenito, em zona primitivamente recoberta pela mata de araucária. Colônias de alemães, poloneses e austríacos, radicados neste trecho do planalto meridional desde fins do século passado explicam o desenvolvimento dessa cultura. A lavoura é, nesta zona, a principal atividade econômica, sendo a batata inglesa, aí, bastante expressiva. Itaiópolis, o maior produtor do estado — 69 000 sacas de 60 kg e Serra Alta, 52 082 sacas de 60 kg em 1948 produzem suficientemente para exportação, facilitada pela presença da estrada de ferro, dedicando-se o último município citado, sede da antiga colônia austríaca de São Bento, à fabricação de fécula de batata.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

DIVISÃO DE GEOGRAFIA

SEÇÃO DE ESTUDOS

1952

PRODUÇÃO DE BATATA INGLÊSA

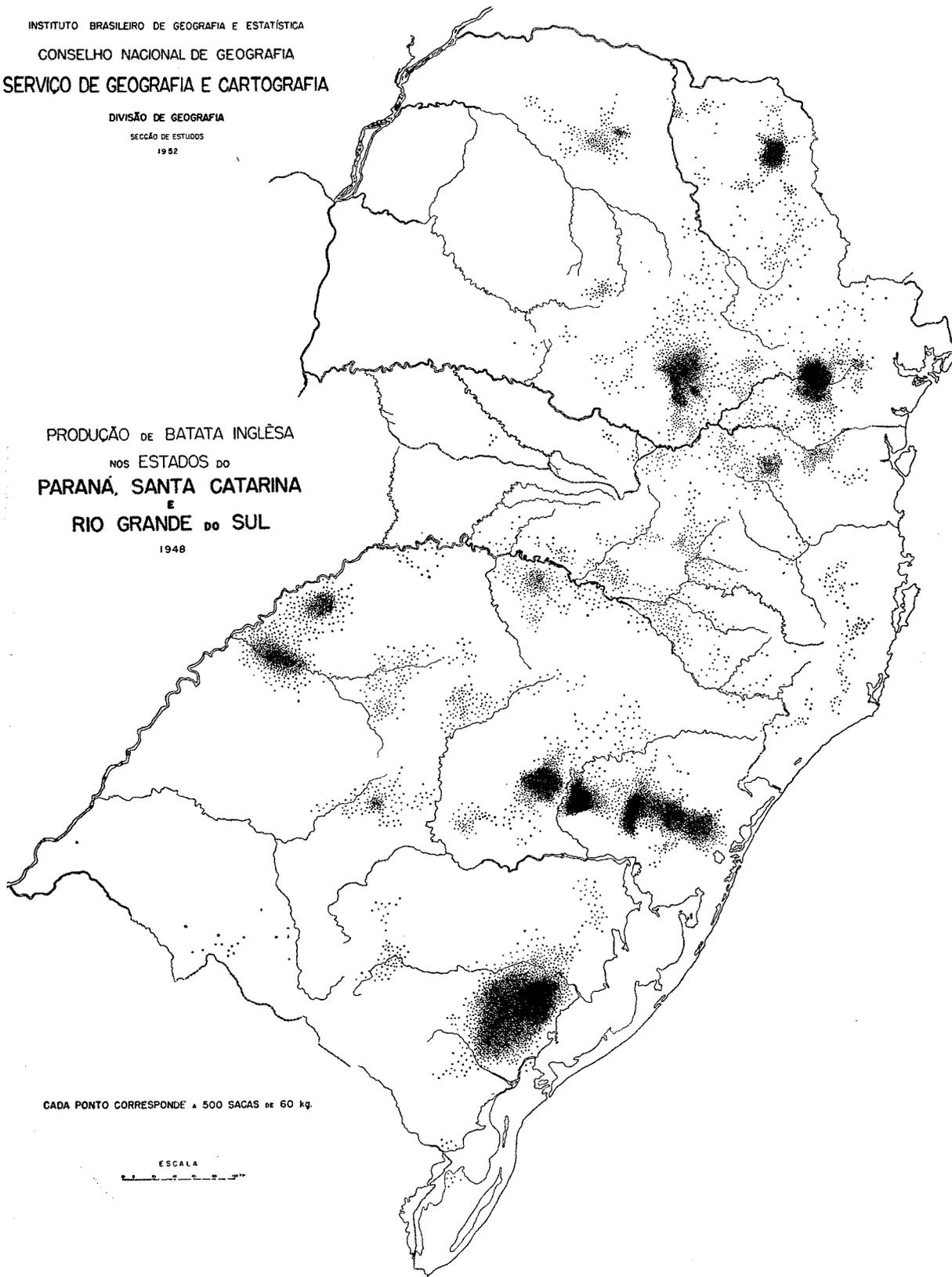
NOS ESTADOS DO

PARANÁ, SANTA CATARINA

E

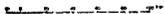
RIO GRANDE DO SUL

1948



CADA PONTO CORRESPONDE A 500 SACAS de 60 kg.

ESCALA



Organizado por Elton de Carvalho
Desenhado por Estelita Costa S. de

Ao sul do rio Itajaí as culturas seguem a faixa arqueana do litoral, identificando as colônias de alemães e de italianos, localizadas essas bem ao sul do estado. A bacia do Itajaí constitui, no que se refere à produção de batata inglesa, uma solução de continuidade entre a zona norte e a anterior. Naquela zona, a mais povoada do estado, onde são numerosos os centros industriais, praticam-se outras culturas, entre as quais a do milho, ligada à engorda de suínos, base da importante indústria de alimentação de Santa Catarina.

Para o centro do estado reaparece a produção de batata inglesa; fugindo aos campos dos municípios de Lajes e Curitiba, tradicionalmente aproveitados para a pecuária, ela é localmente bastante representativa — 68 000 sacas de 60 kg. em Curitiba e 62 400 sacas de 60 kg em Lajes, em 1948.

No vale do Uruguai e baixo rio do Peixe, municípios de Concórdia, Juaçaba, Videira e Campos Novos, a produção está diretamente condicionada à presença de colonos italianos e alemães vindos de antigas zonas de colonização do Rio Grande e, mesmo, da Alemanha, que se estabeleceram nessa região derrubando a mata, após a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1910-1916). A presença de ucranianos em vários dos municípios desta zona, especialmente em Caçador, Juaçaba, Concórdia e Xapencó é um outro elemento importante que explica a forte produção local. A presença da estrada de ferro é, igualmente, fator de relevo pois, a batata é produzida nesta zona também para fim comercial, sendo exportada pela Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Quanto às culturas das zonas marginais do alto médio Uruguai, suficientes, apenas, para o consumo local, são consequência do transbordamento da ocupação das terras do norte do estado do Rio Grande do Sul; a zona entre o Xanxerê e o Xapencó vive em função da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, enquanto o extremo oeste do estado volta-se para o Rio Grande do Sul, fazendo-se as transações principalmente com Frederico Westphalen, município de Palmeira das Missões.

RIO GRANDE DO SUL

Foi no Rio Grande do Sul que se iniciou no Brasil o cultivo da batata inglesa, logo depois da chegada dos primeiros colonizadores europeus. O estado é, atualmente, o maior produtor nacional — 202 347 ton. em 1948 — seguido do de São Paulo e Paraná, respectivamente . . . 196 404 e 91 937 ton. naquele mesmo ano³.

O Rio Grande do Sul, como o Paraná, apresenta zonas bem delimitadas de forte produção de batata inglesa. A encosta do planalto de *trapp*, dissecada pelos afluentes do Jacuí, área de antiga colonização germânica, está expressivamente representada no mapa, tendo sido sua produção em 1948 de 66 693 toneladas; nos altos vales dos rios que a entalham e no domínio do planalto decresce sua importância, fazendo-se representar outros produtos que refletem a influência italiana, tais como o trigo e a uva.

A ocupação dessa região, que assinala o primeiro estabelecimento de colonos europeus no Rio Grande do Sul na primeira metade do século dezenove (a colônia de São Leopoldo data de 1824), processou-se nos patamares que, dominando os baixos cursos dos rios marcam a descida do planalto para a depressão do Jacuí. A exploração da madeira caracterizou o início da ocupação, seguida do plantio do feijão e do milho para a engorda de suínos. Num estágio mais evoluído dessa ocupação apareceu a batata inglesa, mantendo-se, entretanto, a primitiva economia no que se refere ao plantio do milho e à criação de suínos aproveitados na indústria de banha e couros. Nesta zona, atualmente a de mais forte população rural do estado e, por consequência, a de propriedades rurais mais divididas, a batata inglesa tem grande importância não só na alimentação, como, também, no fornecimento a outras regiões do estado, entre as quais à da campanha. Caí e Santo Antônio são os maiores produtores da zona, tendo sua produção em 1948 ultrapassado 10 000 toneladas. Em Caí são cultivados os terraços de terra fértil do rio e empregados o adubo animal e o arado. Em Novo Hamburgo, no distrito de Dois Irmãos, onde se produz arroz, cana, feijão ou ervilhas, amendoim e batata inglesa, esta última é beneficiada com adubo artificial. Pratica-se localmente uma rotação de culturas primitiva num período de quatro a cinco anos, plantando-se as legumi-

³ Fonte: — Produção Agrícola — 1948.

nosas no verão a fim de combater as deficiências da adubação. O trigo, a cevada e a aveia são cultivados no inverno com a batata inglesa, o produto comercial da zona.

Fora da zona colonial, a oeste do rio Jacuí, decresce a importância da batata inglesa, notando-se, entretanto, ainda, culturas nos municípios de Santa Maria, São Pedro do Sul e Júlio de Castilhos.

O mapa registra, ao sul do rio Camaquã uma grande mancha de produção de batata inglesa. Compõe-na os municípios de Canguçu, São Lourenço do Sul e Pelotas, aliás os maiores produtores do estado. Em 1948, São Lourenço produziu 28 000 toneladas, seguindo-se Canguçu com 25 950 e Pelotas, com 13 629 toneladas. Zona de relevo suavemente ondulado, as matas cobrem grande parte dos municípios citados. Ao lado da criação, estabelecida nas áreas de campo e da cultura do arroz no litoral lagunar, aparece a batata inglesa, caracterizando as zonas mais elevadas da região, de vegetação de matas, refletindo a influência étnica do povoamento. São Lourenço do Sul, o mais importante produtor de batatas do estado, é sede de antiga colônia germânica estabelecida em 1857 por iniciativa particular. Pelotas e Canguçu também contam no seu contingente populacional com descendentes de alemães que se estabeleceram em suas terras espontaneamente ou formando colônias, criadas pelo governo central ou pelo do município.

Na zona limitada pelo curso superior dos rios Jacuí, Ijuí e Passo Fundo, a batata inglesa é encontrada nos municípios de Carazinho, Ijuí, Passo Fundo e Cruz Alta. Êste último se destaca entre os demais pela sua importância comercial, facilitada pela situação de entroncamento dos ramais de noroeste com a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, permitindo as trocas daquela zona do estado; a zona limítrofe de Carazinho e a próxima de Ijuí, antiga mata, de maior concentração de população são as que produzem a batata. Em Ijuí, antiga colônia datando de 1890, povoada por alemães, poloneses, russos e austriacos, povos que utilizam fortemente êsse produto na alimentação, o tubérculo não é, entretanto, o produto mais importante do município; as culturas de milho, por exemplo, ocupam 25 000 ha, o que prova o seu valor na alimentação do gado, enquanto as de batata inglesa atingem apenas 320 ha.

No norte do Rio Grande do Sul, alemães e italianos da zona das colônias estabeleceram-se no início do século atual depois da construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. A mata foi abatida e estabelecidas culturas de milho para engorda de porcos e de batata inglesa para alimentação dos recém-chegados, possuindo ainda, atualmente, êsse produto, apenas expressão local.

A antiga zona das Missões está representada no mapa pelas culturas dos municípios de São Luís Gonzaga e Santa Rosa. Zonas de bons solos e de vegetação de matas, de povoamento recente feito por colonos vindos de outras regiões do estado, já trazendo tradição do cultivo da batata inglesa, as culturas ocupam as zonas de mata que acompanham o curso do Uruguai e do Ijuí. Ligado por estrada de ferro a Cruz Alta, Santa Rosa é município bem desenvolvido sob o ponto de vista agrícola, possuindo importantes culturas de batata inglesa, além das de milho, arroz e feijão; dêste último, destaca-se a variedade soja, utilizada atualmente na rotação em lugar da capoeira.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento das culturas de batata inglesa iniciadas no sul do Brasil no século passado, tem correspondido às exigências do mercado nacional, caracterizando aquela região como a zona produtora de batata inglesa do país. Avaliada a produção do ano de 1948 em Cr\$ 1 068 419 883,00, o sul brasileiro contribuiu para êsse total com um valor de Cr\$ 528 123 072,00⁴.

Os estados do Paraná e Rio Grande do Sul destacam-se como fortes produtores e exportadores do tubérculo, situando-se suas mais importantes zonas de produção em áreas que dispõem de facilidade de transporte, principalmente ferroviário. Entre os compradores da batata inglesa sulina salientam-se o Distrito Federal e estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás.

⁴ Fonte: Produção Agrícola, 1948.

Muito embora os estados do Sul sejam bons fornecedores do país, é necessário, ainda, recorrer ao mercado externo, tendo sido importadas da Holanda, em 1948, 53 238 ton. de batata inglesa.

Apesar da sua importância na alimentação das populações meridionais e do papel relevante que desempenha no mercado nacional são raras as zonas em que a cultura de batata inglesa é feita segundo os métodos mais adiantados de cultivo. A rotação de terras melhorada, em que se utiliza o arado e onde a capoeira é elemento constante na paisagem, é o sistema em que se produz geralmente a batata no sul do Brasil; em certas áreas muito restritas ela aparece em rotação de culturas com outros elementos, constituindo pequenas exceções dentro da área estudada. Tais zonas correspondem, justamente, às de maior importância produção, ligada às áreas de maior densidade demográfica e mais bem servidas em transportes, que facilitam o escoamento da produção para os centros distribuidores do país.

BIBLIOGRAFIA

1. WAIBEL, Leo — Princípios da colonização européia no sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, ano XI, n.º 2, pp. 3-60. — 30 fig. 1 mapa. — Rio de Janeiro, 1949.
2. VALVERDE, Orlando — Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Geografia, ano X, n.º 4, pp. 3-54. — 33 fig. 2 mapas — Rio de Janeiro, 1948.
3. BERNARDES, Nilo — A colonização no município de Santa Rosa, estado do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Geografia, ano XII, n.º 3 pp. 33-40, 4 fig., 1 mapa. — Rio de Janeiro, 1950.
4. CÂMARA, Lourival — Estrangeiros em Santa Catarina — Revista Brasileira de Geografia, ano X, n.º 2 pp. 51-86, 2 mapas, 6 figs. — Rio de Janeiro, 1948.
5. RAMBO, Pe. Balduino — A fisionomia do Rio Grande do Sul. 392 pp. 44 fotos, 7 mapas, — Pôrto Alegre, 1942.
6. DENIS, Pierre — Amérique de Sud, in Géographie Universelle, vol. XV, 1^{ère} partie. 210 pp. 64 fotograf. 36 fig. Livraria Armand Colin. — Paris, 1927.
7. MENDES, Carlos Teixeira — A cultura da batatinha. Sociedade de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. Diretoria de Publicidade Agrícola. 37 pp. 3 fig. — São Paulo, 1937.
8. DECKER, S. — Problemas genéticos referentes à batatinha. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. Diretoria de Publicidade Agrícola. Boletim da Agricultura, série 38.^a 1937. 28 pp. — São Paulo, 1938.
9. BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti — Distribuição da população no estado do Paraná em 1940. Revista Brasileira de Geografia, ano XII, n.º 4, pp. 57-74, 19 fig. mapas. — Rio de Janeiro, 1950.

Inéditos

1. BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti — Zonas Pioneiras no Estado do Paraná.
2. Idem — Relatório da excursão ao Paraná — Abril-maio, 1948.
3. Idem — Distribuição da população no estado de Santa Catarina em 1940.
4. BERNARDES, Nilo — Relatório da excursão ao Paraná — Abril-maio, 1948.
5. VALVERDE, Orlando — Relatório da excursão ao Paraná, 1948.
6. EGLER, Walter Alberto — Relatório da excursão ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 1950.

Mapas

1. Mapa Geológico do Brasil. Esc. 1: 5.000.000. Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura. Companhia Litográfica Ipiranga. São Paulo, 1942.
2. Mapa do Brasil. Esc. 1: 5.750.000. Serviço de Geografia e Cartografia. Conselho Nacional de Geografia. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1945.
3. Mapa do Estado do Paraná. Esc. 1: 500.000. Departamento de Geografia Terras e Colonização da Secretaria de Viação e Obras Públicas. 1948.
4. Mapa preliminar da vegetação original do estado do Paraná, organizado por Dora de Amarante Romariz, Esc. 1: 1.000.000. Conselho Nacional de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1949.

5. Mapa do Estado do Paraná — Colonização européia, organizado por Lysia Maria Cavalcanti Bernardes, Esc. gráfica. Conselho Nacional de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1950.
 6. Mapa do Estado do Paraná — Utilização da terra, organizado por Nilo Bernardes. Esc. gráfica. Conselho Nacional de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1950.
 7. Mapa do Estado de Santa Catarina. Esc. 1:800.000, Livraria Central, Joinville, 1948.
 8. Estado de Santa Catarina — Núcleos coloniais — Esc. 1:600.000. Diretoria de Terras e Colonização. Florianópolis.
 9. Mapa preliminar da vegetação original do estado do Rio Grande do Sul, organizado por Edgar Kuhlmann. Esc. gráfica. Conselho Nacional de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1949.
 10. Mapa das colônias do estado do Rio Grande do Sul (esboço preliminar), organizado por Nilo Bernardes, do Conselho Nacional de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, desenhado sobre a
 11. Carta geral do Estado do Rio Grande do Sul. Esc. 1: 750.000. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Edição da Livraria do Globo. Pôrto Alegre, 1941.
 12. Mapa da distribuição da população no estado do Rio Grande do Sul em 1940. Escala gráfica. Secção de Estudos do Conselho Nacional de Geografia. 1952.
-